



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

## COLONIZAÇÃO

A procura de *gaiatos*, na sucursal do Pôrto, é um facto consolador, fora, acima de tudo quanto nós esperávamos. Quási sempre, quando ali vou, o porteirito tem a novidade na ponta da língua, de que estivera ali um senhor a pedir *gaiatos* para empregar. E o assistente, dentro, confirma e dá pormenores. São notícias felizes. E' a cidade do Pôrto a responder. E' a lama dos caminhos que começa a ser o *limo da terra* como saiu das mãos do Criador. Deus não fez o homem de lama, para a lama.

Contudo, é preciso não sermos demasiadamente optimistas. Devemos olhar com muito equilibrio para a *Obra da Rua*. Compreender a classe dos pequeninos que nela se abriam. Contar com *necessárias* deficiências. Cada um destes *gaiatos*, representa seculos de abandono social. Eles trazem a herança dos ancestrais.

Rogo, pois, aos Senhores bons do Pôrto que gentilmente procuram *gaiatos* para as suas casas, o favor de não darem por eles mais do que o seu valor, como é costume fazer-se com os artigos da moda, e que por isso mesmo tão pouco duram e tão depressa caem!

Dado o aviso, que vai ser seguramente tomado em conta por todos os amigos da obra, poderia contentar-me com amostras tão auspiciosas e restringir ao Pôrto, a população da Casa do Gaiato do Pôrto, mas não. O Pôrto é muito pequenino para aquilo que eu desejo. Que os *Tripeiros* me perdoem. Tenho um sonho: as Colónias. Pretendo fazer da Casa do Gaiato, em Paço-de-Sousa, um real viveiro de colonos. Já sonhava, antes de começarmos a construir. As linhas grandiosas da aldeia são, até um produto do sonho.

Ora aqui há tempos, recolhido no meu leito, lanço mão do jornal do dia, e leio o decreto sobre colonização. Eu, que tantas vezes passo noites em claro, quando penso que dentro de pouco tempo, temos na organização centenas de rapazes na classe dos vinte—naquela noite também não dormi—de contente.

No dia seguinte, muito cedo, não me segurei que não escrevesse uma carta ao nosso Ministro das Colónias. Eu também sou ministro! Os humildes teem muita autoridade. Não sei se foi um sapateiro que duma vez deu uma respeitavel e respeitosa sarabanda num dos nossos Reis. E' da história. Pois eu escrevi ao Ministro a dizer que assim, sim.

Fala-se p'raí um rôr, de governos e de governantes, cansados do bem que disfrutam! Eu também falaria, se *este* decreto ficasse na tinta. Mas não acredito que fique. Ele começa muitissimo bem: *não se trata de executar nenhum plano grandioso de colonização para o qual, todavia, se poderão ir carregando materiais.*

Temos aqui a base. Esta é a ordem. Toda a empresa que começa por pouco, tem em si mesmo a garantia do exito.

Nós temos marcado pela ausencia, aonde os nossos Maiores levantaram padrões e deixaram sangue português, para ser terra de portugueses.

Mundo que a vista não abarca. Pujança dos três reinos da natureza. Portos. Baías. Enseridas. Rios. Lagoas. Canais. O que há

de melhor. O que há de mais abundante. O que há de mais belo. O que há de mais português—desconhecido da grande massa dos portugueses!

De uma vez, chegava de Africa. Alguem cumprimenta e pergunta: *olhe lá, a Africa é maior do que o Pôrto?*

Ele é verdade que em nossos dias, com exposições coloniais e semanas das colónias, tem-se feito um bocadinho de barulho, mas é preciso mais. E' preciso abrir as portas. Facilitar Tudo como vem na letra do decreto.

A população das Casas do Gaiato sendo, como é, de terras de ninguém, é a mais adequada a povoar a nossa Angola, por não ter compromissos de sangue. Muitos destes rapazes são inteligentes e capazes de iniciativas. Basta soprar. Pôr-lhes à vista o nosso Império. Lêr-lhes a cartilha colonial. Isto hei-de fazer. Isto queremos fazer uma vez que ouçamos a palavra de assentimento, de quem tenha o poder de a dar.

Carrear materiais. Os habitantes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, podem fornecer material. Eles, as pedras da fundação.

Não vamos pedir nem esperamos dinheiro do Ministério das Colónias. O que nós queremos é contacto, simpatia, garantias morais.

Talvez seja por amar muito esta fauna que formei no espirito a convicção do que com ela e por ela se pode realizar.

Os a quem hoje chamamos um fardo, pela nossa incúria e preguiça, podem vir a ser amanhã alavanca da nação.

Uma vez que estamos sériamente apostados a incutir nestes rapazes o amor ao trabalho, às letras, à água fria, à verdade, à consciencia recta, à vida sã, não podemos sequer duvidar de que tódos ou cada um destes valores humanos se venham a perder, justamente pelo terreno onde semeamos. Nós não pedimos nada que seja fora ou além das forças de cada um; pedimos um alerta. Temos fundada esperança de que nas nossas Colónias, podemos ter grandes colonias de redimidos, a firmar a posse delas com o suor do seu rosto, o que tem infinitas mapas que hoje as marcam.

Só quem não viveu na imensidade das nossas terras de além-mar, é que não sente a dor da outra imensidade que se experimenta do lado de cá: *não se cuidar de povoar com gente nossa o que é nosso.*

Parece que deu agora sinal a trombeta lusitana. Temos o ponteiro nas doze.

Quando da morte do Sidónio Pais e das revoluções cotidianas daqueles tempos, um cidadão britânico, na Africa do Sul, disse-me que nem pelo soldo do seu Rei, ele aceitaria o lugar de presidente da republica portuguesa; e poz, no dito, uma pontinha de ironia.

Gostaria de ouvir hoje a sua opinião!

Em conclusão. As Casas do Gaiato são uma Obra que se propõe amparar a Creação das ruas, até as colocar na vida. Não lhes pode marcar termo, pela simples razão de que também os Pais o não fazem a seus filhos. Ora isto não é obra de um homem só. E' necessário auxilio. Primeiro, do Estado, que é *uma pessoa de bem*. Depois dos que podem, para que também o sejam.

### Uma carta aberta

Com dois anos de vida intensa, a OBRA DA RUA ainda não é suficientemente conhecida.

Ainda aparece, aqui e além, uma piedosa violência aos nossos principios.

Por isso mesmo, damos publicidade a esta carta, por se nos afigurar que ela pode muito bem ser pau que mate muitos coelhos. Foi dirigida a Evora. Nós temos nas nossas casas alguns alentejanos, sim, mas são da marca. Não têm Pais. Conheceram e habitaram aljubes. Um deles, até, fugiu de cá mais de uma vez e regressou pelo seu pé.

A indigência não constitue titulo hastante para ser admitida nas Casas do Gaiato.

Só a Miséria tem ali aluguer. O

rapaz sujo, repelente, viciado, que tem de ser rapado, ensaboado, roupa queimada, antes de subir os degraus do nosso santuário de almas. Só esses. A Obra é para eles.

«O Virgilio, recomendado pela Família X, chegou bem, mas tem de regressar. Como esta Família tem morada aí, rogo o obsequio de lhe comunicar esta resolução e que me indiquem a forma de o fazer seguir. Eu cuido que seria sufficiente manda-lo daqui pelo comboio correio que parte às nove de Campanhã e chega ao Rossio às 21. Ali, iria alguém pelo rapaz. Ele veio sozinho e não teve perigo. Pois pode ir na mesma.

Esta minha resolução, é um caso de consciencia. O pequeno não é qualificado para esta Obra. Não pode tirar o lugar aos que o são. Eu não posso mentir a mim mesmo.

Veio dai um telegrama a pedir

informações dele, porque a Mãe estava em cuidados.

O pequeno tem mãe e tal, que pensa no filho. Por outro lado, aqui, o rapaz, nada mais faz do que chorar pela sua Mãe.

Isto é, sem duvida nenhuma, uma qualidade ótima, mas a nossa Obra é para as qualidades péssimas.

Os nossos, se às vezes invocam o nome de Mãe, é por instinto, que não por amor. Eles não as teem, ou se teem não as conhecem, ou se conhecem, elas abandonaram-nos.

Nós não podemos mandar embora um destes que se apresentam por si mesmos à nossa porta, (e tantos são eles) por termos o lugar ocupado com outros que teem, felizmente, uma Mãe, como a do Virgilio.

Espero que V. me dê o Seu incondicional apoio e que essa boa Família, me não leve a mal attitudes que podem, talvez, desgostar, mas que são justas».

# NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

por João Carlos

**A**S nossas terras estão quasi todas semeadas. Este ano havemos de ter mais milho do que nos outros anos. Deus queira que ao menos chegue para as papas. O que nos tem valido é aquê que nos tem dado.

**N**A segunda-feira o Pedro e o Arlindo foram à Louzã vender o Gaiato. Venderam tudo e trouxeram um par de botas, umas calças e um sobretudo. Em Miranda vende-se muito menos de metade da Louzã. Tiveram também muita sorte os que foram a Coimbra vender o Gaiato. Quando os jogadores do Sport passaram para o Pôrto, deram 10\$00 e um emblema para os seis meninos, por êles serem do Sport. Uma Senhora deu uma máquina de cortar o cabelo quasi nova ao Albino e tiraram também o retrato a quatro meninos que foram vender o jornal.

Uma Senhora também deu muitos «Mosquitos» ao Arlindo.

**F**igueira chora por tudo e por nada.

Agora andava a chorar muito: — ai que me tiraram sete mosquitos, três faíscas e um diabrete! Eram as revistas que êle tinha arrecadado.

**Zé Maria, o Adriano, o Pôrto, o Luiz e o Figueira** andam-se classe e andam muito contentes por já se estarem a aproximar os exames. Na 4.ª andam o, Bernardino, o Lisboa, o Fernando e o João também para fazerem exame. Na 1.ª classe anda o Pedro e o Vieira.

O Vieira é que anda mais contente porque êle quando veio para cá disse que já andava na 4.ª classe mas foi-se a ver não sabia nada.

**A**casita da tia Inocência já está arranjada. Gastamos nela mais de 200 mil reis. Ela já lá mora muito contente. Diz ela que agora é como quem está no céu. Temos sempre levado as esmolos aos pobrezinhos e êles têm ficado muito contentes. A horta da conferência já começou a dar favas e ervilhas, qualquer dia começamos a distribui-las. O vélhito do Vale Salgueiro tem dito que tem estado pior e pede se lhe podem mandar pomadas que êle agradece muito, também pede ligaduras e algodão.

O vélhito das Miás também pede mais pomadas para tratar da ferida que tem na perna. A tia Laurinda também manda pedir alguma roupa porque tem muitos filhitos e andam todos descalços. Os pobres da Ribeira também pedem alguma roupa: enfim todos querem mas nós é que não temos.

**S** grilos já cantam muito. Alguns gaiatos têm um grilo à cabeceira da cama. Tem sido um martírio por causa dos grilos, às vezes a Senhora manda os cozinheiros buscar salada mas daí a pouco vai-se ver a salada está nas caixas dos grilos. Alguns em vez de irem trabalhar vão aos grilos e depois ficam sem comer.

**Joaquim** tem o nome de *passarinho* porque sabe de mais de trinta ninhos. Há tempos

**N**ESTA quadra do ano, todos os dias oiço *segrêdos* de ninhos escondidos, de quantos ovos, de quantos passarinhos e tudo o mais que diz respeito ao palpitante assunto.

**A**S nossas cerejas começam a ser vistas e cubiçadas. Os melros de bico amarelo, mais espertos, do que os gaiatos, chegam primeiro e governam-se melhor. Os pardais comem o milho, as pombas vão aos feijões, das galinhas não se fala, as toupeiras esburacam; — eu adoro êstes *inimigos*.

**O** Carlos Alberto anda muito ocupado em merecer a matrícula na Escola Industrial e um emprêgo, já certo, em uma importante firma do Pôrto. Por enquanto, tem o humilde cargo de ajudante dos cozinheiros. Ele é de Lisboa. Como o nosso

# NOTÍCIAS DIVERSAS

fogão é alto e êle é baixo, sempre que tem de mexer a panela, trepa para cima de um banco, boina na cabeça, fralda de fora, — conquistador!

**O** Zé Eduardo, o nosso crônista, dizia no derradeiro número da sua crônica, para *O Gaiato* que se propunha *moralizar* (o termo é dêle) um pequenino que nos chegara de Traz-os-Montes e que a pessoa que o cá trouxe, lhe prometera uma coisa, se êle o fizesse.

Ora sucede que dias depois, o *Moralizador* vai ao quarto da senhora, onde sabia estar um cartucho de rebuçados, tira um nôite também. Periquito deu fé. Soube-se. Eu estava ausente.

A minha chegada, Zé Eduardo, como-vide, vem-me contar o que tinha feito, e que lhe acudisse eu, pois que a tropa estava contra êle. Eu retorqui que à noite falaríamos e assim se fez. Diante de todos, no refeitório, o *Moralizador* dá dois passos em frente e relata, tim tim por tim tim.

— Lambareiro. Soberbo. Vais comer sôzinbo o que está guardado para nós todos. Eis de como se vira às vezes o feitico contra o feiticeiro. Pretendia moralizar; foi moralizado. A malta deu-lhe o arroz: *Lambareiro. Soberbo.*

**C**HEGARAM o Carlos de Casaldêlo e o Virgilio de Evora. Este último, trazia consigo 3 pequeninas moedas de prata e num instante ficou sem elas! Nós temos aqui mestres... O roubado apita. O côro dos rapazes interroga. Daí por dois dias, ouve-se grande balhurdia no campo de jogos, à hora do recreio. Aparecera o ladrão. Tinha sido o de Casaldêlo. Vinha algemado, conduzido à força por um grupo dos mais pequenos, terrivelmente agrupado: *olha que aqui não se rouba.*

**F**UI agora mesmo chamado para acudir. Era o Zé Sá, a dar uma tarefa num que não queria trabalhar: *Não quere picar*

fomos ao rio panão e êle só na ida de casa para o rio achou dez ninhos.

**L**icínio foi para o Porto para ser empregado numa loja. Para o lugar dêle chegou mais um menino de Santa Clara. Tem muitos irmãos e dormia em cima de uns caixotes.

Quando foram baptizaram-o logo; tem o nome de Zé quitólas. Tem chorado muito, com saúdaes mas agora ja anda mais contente.

**porquito** que o Zé Maria e o Lisboa compraram já morreu. Andava muito enfêzado e o porco grande deitou-se em cima dêle. Naturalmente foi por isso que êle morreu.

**lenha!** Os nossos chefes, por vezes, exorbitam um nadinha. E' o tempo. São os anos. Antes êles a exorbitar do que os terríveis educadores a corrigir.

**V**EIO agora mesmo aqui o pequenino guarda dos pintainhos comunicar-me, indignado, que a galinha os deixara e que fôra pôr um ovo. *Não é boa Mãe*, disse. Estas pequeninas lições das coisas, são como o leite das Mães; alimento completo.

**U**M importante achado que uma dúzia de garotos me veio anunciar esbaforido uma ninhada de gatos, no palheiro!

**O** Zé Eduardo, (o moralizador) o Avô-sinha, o Claudino e o Zé Sá, ficaram hoje sem merenda, por andarem a namorar

as nossas corejeiras. Eles não sabem quem é, mas nós temos um guarda secreto.

**O** Carlos, além de ser o chefe de cozinheiros, tomou agora sôbre os seus ombros mais um cargo; faz riscas. Hoje de manhã, entrei na camarata, quando êle estava ocupado com a do Oscar e tinha mais três *fregueses* à espera. Foi, até, um surdo alarido que me levou a entrar. Era o Oscar: *O coisa, acerta lá isso!*

**P**OR conveniência de serviço, foi transferido para a Sucursal do Pôrto, o nosso Mondim. O Bárto que este foi substituir, deve regressar brevemente para trabalhar no campo, onde temos muita falta de braços.

**O**S nossos grandes, foram à Vila de Paredes no domingo último, assistir a um desafio da bola. O Pepe, com o ser do numero dos grandes, foi excluído. Ele sabe muito bem porquê. Pois que se arrependa. De um arrependimento sincero, saem da alma grandes e generosas resoluções.

**T**EMOS feito tudo quanto em nós está, para salvar a vida do Fernandito. Temo-lo de cama, com *injecções* de caldos de frango.

O pequenino veio-nos de S. João da Madeira. Estive ali há uns meses. Vi muitas chaminés de fábricas; muita Industria. Achei bem, mas não basta. E' muito pouco! Soube, outrossim, de uns vislumbres de assistência às crianças da terra; coisas que se haviam de fazer em breve et coetera. Engano. Se o Bem não leva a velocidade do Mal, é este que ganha.

Por todas estas razões, tratamos este pequeno aqui em casa com infinita devoção; a ver se, pelo muito que êle e nós sofremos, o povo laborioso daquela formosa terra se não encanta com a sua Industria, a pontos de esquecer o que *deve* às crianças. Ora aqui está.

**H**OJE de manhã, ao passar pelos lavatórios, vejo o Zé Sá desfigurado da cara. Que tinha sido? O Ernesto deu-lhe uma sova. Quem é o Ernesto? Um garoto muito mais novo do que êle.

Pois Zé Sá, à noite, em acto solene de comunidade foi asperamente repreendido, por se ter deixado sovar. Como poderá atravessar um dia o Reno?!

**O**NTEM à noitinha, Tiroliro veio dizer que estava o Veiga à portaria.

O Veiga fugia e levou mais três na sua companhia. Estes já tinham regressado, magoados dos caminhos, e entraram. O Veiga, não. Tem mais de 16 anos. Foi o instigador.

Os rapazes, passaram-lhe um cobertor para êle dormir a noite. Ele ficou longo tempo à espera. Não teve lugar... até ver. E' necessário que se saiba que a *Obra da Rua* não é, não pode ser perfeita. Tenho medo que mo comprometam pelo que dizem e julgam dela.

# Atenção, Atenção!

Um grupo de amigos da Casa do Gaiato, organisa uma excursão a Paço-de-Sousa, composta "sòmente" de amigos da Casa do Gaiato. Amigo é quem dá. Que venham vêr o que está feito, e ouvir o que se pretende fazer, e depois, — diga cada um como se chama e marque presença.

Não há Pousadas nem Pensões na terra.

Venham prevenidos e na mata da Casa, à sombra, comerá cada um do que trouxe.

Eis o programa:  
A's 9 horas, partida de S. Bento em caruagens reservadas.

A's 10,30—chegada a Cêto.

A's 11 horas, Missa no Mosteiro de Paço de Sousa, seguida de visita à Casa do Gaiato: Das 13,30 às 15 horas, almoço na mata.

A's 15 horas, visita à Aldeia dos Rapazes a tempo livre.

A's 18'10, partida de Cêto.

A's 19,30, chegada ao Porto.

Os bilhetes são absolutamente gratuitos e marcam-se no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54 e na Casa Nun'Alvaras, Rua Santa Catarina 628.

A' saída da Casa do Gaiato estará uma bandeja... Mais nada...

# Do que nos vem ter à Casa do Pôrto (Rua D. João IV—682)

Um saco de batatas de Bragança. Onde já chegou a nossa fama! Uma pequena remessa de discos e mais outra. Petróleo. Mais 20\$ de uma visitante e 5\$ de outra, em sêlos, e 1\$20 de outra. As vistas da Casa do Porto não são tão lindas, já se vê, como as de Paço-de-Sousa; contudo também teem que ver e espera-se que muitos a vejam. Mais um quilo de feijão. Mais dois ditos de batatas. Mais queijo e pão para a merenda. Mais uma boroa de pão de milho. Mais doze pratos.

Nós temos muita falta de roupas de cama, e de toalhas de rosto, já somos ali uma comunidade de uns vinte gaiatos. Se há alguém na cidade que se interesse pela obra, pode escolher oportunidades. Lenços de mão e guardanapos de mesa, são coisas do uso de todos os dias, sempre bem acolhidas. O pequenino porteiro, que é actualmente o José de Casaldêlo, aparecerá ao mínimo toque e dá todas as informações.

Mais um fato da *Mocidade*, com botas e tudo. O Rui veio mostrar, com as botas enfiadas nos braços — *Olhe que grandes*. Quem dera mais fatos da *Mocidade*, para esta mocidade. Mandai.

# Os padeiros de Miranda

**O** nosso padeiro é o Venâncio e o seu ajudante é o Tónio. Chamam ao nosso padeiro o *Despacho*. Coze o pão muito bem. A's vezes levanta-se muito cedo sem se ralar nada.

Quando nos levantamos já o pão está cozido. O *Despacho* é do Algarve.

de c  
Foi  
mais p  
direito  
à pess  
preceit  
está a  
reno j  
ficou a  
de ma  
pitos.  
gar C  
teem c  
às igre  
necessá  
notícia.  
é um b  
obras  
Querem  
depois  
Se l  
Seus  
tomand  
semos  
equilibr  
Tem  
Suas ob  
digerir.  
eu vou  
avessas  
Eis p  
caem n  
Oscar  
padre,  
O An  
de O  
propôs  
colegas,  
que tã  
—Oh  
E' cois  
—De  
Eles ca  
Ora e  
lizado  
já est  
mas si  
tão nos  
Nas  
caixinh  
alegria  
para o  
moeda  
aragem,  
gem.  
prata,  
quere d  
dos ber  
soas m  
teve aq  
um peq  
Trago-l  
lá. E  
De um  
uma cr  
—Oh  
um de  
—Mi  
O pe  
notas.  
YI  
Estiv  
domin  
rhoras  
houve  
especi  
um pa  
tem.  
Era  
cem a  
gente  
O  
ONI  
dos gat  
deles n  
espreita  
cuida q  
pancada

### De como foi no Olimpia

Foi justamente como tem sido nos mais palcos: denunciar o valor e os direitos da creança, por consideração à pessoa humana e obediência aos preceitos divinos. Onde estiver Pedro, está a Igreja. A voz de Jesus Nazareno já se não escuta no mundo, mas ficou a Sua palavra e esta não está de maneira nenhuma ligada aos púlpitos. Até nos telhados, podemos pregar Cristo. Os que mais necessidade tem de saber quem Ele é, não vão às igrejas. Por isso mesmo se torna necessário que fora delas se dê a notícia. Esta sorte de auditores, porém, é um bocadinho exigente. Querem ver obras mais do que ouvir doutrina. Querem ver Cristo realizado, e só depois é que começam a interessar-se.

Se lhes pregássemos Cristo nos Seus mistérios, escandalizavam-se, tomando-O por louco! Se os colocássemos no alto dos dogmas, não se equilibravam, por fraqueza.

Temos de lhes ministrar Jesus nas Suas obras, único alimento que podem digerir. Ora aqui está a razão porque eu vou aos palcos, apresentar, às avessas dos que lá vão representar.

Eis porque todos vão ó cêbo e todos veem na lata, no dizer pitoresco do Oscar e do Amadeu. Gosto daquele padre, exclamam!

O Amadeu, como notasse feliz venda de O Gaiato às portas do cinema, propôs que fôssem levados pelos seus colegas, alguns números atrasados, que tínhamos na casa do Pôrto.

—Oh! rapaz; isso já não interessa. E' coisa antiga.

—Deixe lá. Eles compram tudo. Eles caem todos na lata!

Ora eu fiquei um bocadinho formalizado com o Amadeu. Não por mim; já estou afeito às suas irreverências mas sim pelo respeito público que tão nosso amigo tem sido.

Nas sacas do peditório, vinha uma caixinha, e dentro isto: E' com muita alegria que dou a minha volta de ouro para o cálice. Junto à volta, uma moeda de vinte e cinco tostões. Pela aragem, sabe-se quem vai na carruagem. Aquela pequenina moeda de prata, junto à minha volta de ouro, quer dizer que se trata de uma pobre dos bens do mundo, que são as pessoas mais generosas. Noutro dia, esteve aqui uma creada de servir com um pequeno que achara nos caminhos. Traço-lhe toda a minha soldada, tome lá. E queria-me entregar o dinheiro! De uma vez uma viúva, quis tomar uma criancinha que me apareceu.

—Oh mulher; você tem filhos, e um de peito.

—Mas tenho dois peitos!  
O peditório rendeu quarenta e seis notas.

### VISITANTES

Estiveram aqui em um destes domingos, uma pancadaria de senhoras e de senhores; tantos, que houve de se alugar uma carruagem especial. Um dos da comitiva, deu um passo em frente e disse:—aquí tem.

Era uma lista com os nomes de cem assinantes de O Gaiato, tudo gente fixe, com dinheirinho na mão.

### OS GATOS

ONTEM à noite, à hora do deitar, houve cá um tremendo reboliço, por causa dos gatos. O Rio Tinto deu com um ninho deles no palheiro. Mas a gata, por muito espreitada, vai e muda os filhos. O Rio Tinto cuida que é obra dos curiosos, e oferece pancada a tôrto e a direito.

# ASSINATURAS PAGAS

MUITOS assinantes que já pagaram, perturbam-se porque os seus nomes não aparecem. Aparecem sim senhor—A SEU TEMPO. O jornal é pequenino e é quinzenal. Temos sempre muito que dizer, por isso falta-nos o espaço para o quadro de honra. Lá iremos.

Temos muito de que encher as colunas do "jornalão", como alguns querem que seja. Eu contentava-me com "jornaleco". Os Diários, ocupados como andam com anuncios e noticias, não tem espaço nem tempo para dizerem o que verdadeiramente interessa e daqui nasce que nos vemos constringidos a "racionar" as polegadas de que dispomos, para contentar os "cronistas" de Miranda e Paço-de-Sousa e outros "escritores", no número dos quais estou eu.

Sim Senhor. Tenho aqui uma carta a dizer que eu sou o primeiro escritor de Portugal. Nunca tinha dado por ela Se esse senhor que assim me chama, me conseguisse um prémio da Academia ou da Propaganda; uma bolada que desse para construir mais uma casinha na nossa "Aldeia"! Ande lá, meu Senhor. Conte em Lisboa a minha habilidade. Peça-lhes que me leiam. Que me chamem e aqueçam as algibeiras.

Paulo fazia esteiras. Pedro botava as rêdes. Eu faço jornais. Tudo é trabalhar para a mesma causa. Aqui vai mais uma pancadaria de desobrigados:

José Luis da Rocha, 120\$; Pedro José Moreira Ferreira, 30\$; Maria Lia de Melo, 30\$; Maria Júlia Pais Vieira Braga, 25\$; Manuel Cotrim, 50\$; Custódio Pereira, 50\$; José Bento Ramos, 50\$; Jorge Manuel de Sá, 25\$; Alvaro Gonçalves, 50\$; Maria de Lourdes Mingot, 50\$; Francisco Monteiro, 100\$; António dos Santos Fernandes, 50\$; Margarida Lousada, 25\$; Manuel Plácido de Oliveira, 25\$; Hermenegarda Guedes, 40\$; Maria Leonor da Silveira, 20\$; Domingos de Castro Gomes, 50\$; Dr. Armando Matos Costa, 30\$; Joaquim Ferreira, 30\$; Sousa Oliveira Cardoso, 25\$; Mário Elísio Faria Delgado, 20\$; José Marques Pinheiro de Sousa, 100\$; Sapataria Danilo, 50\$; Dr. Manuel Pinto, 50\$; Humberto Dias de Almeida, 50\$; Francisco Venceslau Ferreira, 40\$; Arnaldo Tavares Bastos, 20\$; José Espassadim, 20\$; António Joaquim Correia dos Santos, 100\$; António Delgado, 20\$; Virgínia Costa, 50\$; José Tojal, 25\$; Fernando Ladeiras, 30\$; Albano de Andrade, 25\$; Manuel Guimarães Ribeiro, 50\$; Maria da Conceição Moreira, 50\$; Abílio de Sousa, 200\$; Augusto Lemos, 50\$; Aurelino Francisco Coimbra, 30\$; António Fernando P. Santos Hoelzer, 25\$; Fernando Pinto dos Santos, 25\$; Carlos Pele, 25\$; Miguel Azevedo, 50\$; Luís e Aurora Silva M. Teixeira, 50\$; Manuel da Silva Correia, 50\$; António Dias da Silva, 24\$; Armando J. Martins Coelho, 40\$; Salvador Gonçalves Valentim, 100\$; António Rêgo Barbosa, 50\$; António Coelho Ribeiro, 20\$ — todos do Pôrto. Inês Ferreira Azevedo, 25\$ — Trofa. António Barreto, 20\$ — Elvas. José Martins Branco, 50\$ — Amarante. Maria Fernanda A. Santos, 12\$; Dr. Alfredo Matoso, 50\$, Dr. António Lopes, 50\$; Dr. António Guedes Correia de Campos, 30\$; Dr. Agostinho Pires, 20\$; Dr. Emanuel Belo Salgueiro, 20\$ — todos de Tomar. Isabel Maria da Silva Neves, 20\$; Dr. Bento Matoso, 25\$; José Augusto Ferreira Sôpas, 50\$ — todos da Figueira da Foz. Maria de Sousa, 24\$ — Tarouquela. Albertina Vilas-Boas e Alvim, 25\$ — Fafe. Dr. Octávio Dordonat, 30\$; — Benfca. Dr. José Rodrigues, 40\$; — Castendo. Padre José Pacheco Lima, 10\$; Padre Sousa, 60\$; Sargento Couto, 10\$; Dr. Augusto Botelho Simas, 50\$ — todos dos Açores. Maria da Providência Azevedo, 30\$ — Vale Afonso. Maria José de Azevedo Garcia, 30\$ — Mata de Lobos. Alexandre Alberto Nogueira Pinto, 30\$; Francisca Montenegro Calheiros, 30\$; Vasco Pinto de Miranda, 30\$; Maria Adelaide Semblano Pinto Brochado, 30\$; Maria da Graça Leite Montenegro, 30\$; Cristina Irene Pinto Brochado, 100\$; Maria da Glória Serpa Pinto, 25\$ — todos de Sinfães. António Cyrne Casal, 50\$; Júlio Cayolla, 500\$; Padre José Correia de Sá, 50\$; Casa de S. Vicente de Paulo, 100\$; Assinante 2733, 100\$; Eliziária da Costa Praça Mexia, 100\$; António de Souza Monteiro, 40\$; Meninos Artur Luciano e António Ravara Alves, 50\$; Dr. Carlos Alberto Galvão Simões, 30\$; Dr. Júlio V. Oliveira, 50\$; José da Silva Mouta, 20\$; Dr. Francisco de Assis Brito, 40\$; Hermínio Paraíso Rebelo, 50\$; Casimiro Nunes Igreja, 50\$; Dr. António Pizarro, 50\$; Eng.º Eduardo Frazão, 50\$; Eng.º Manuel Nantana Marques, 20\$; Eng.º António Ferreira Trindade, 50\$; Ana Rosa Fernandes, 25\$; Noémia Ferreira, 25\$; Oscar Gomes de Sousa, 25\$; Maria de Jesus Rébocho B. Cardoso, 25\$; Antonieta B. Nunes Correia, 25\$; Alvaro Carinhãs, 24\$; Ernesto Patrício Franco, 50\$; Maria José da Piedade, 25\$; Eng.º Gustavo Domingos Ferreira, 24\$; Clemência Patrícia Santos Tavares, 25\$; Arminda Patrício, 25\$; Lúcio Perestrelo Rosendo, 24\$; Professor Carlos Callado, 150\$; António Pereira Lopes, 15\$; S. V. T., 25\$ — todos de Lisboa. Adriano Vieira Lima, 50\$; Párcos de Assaforge, 20\$; Justina Ferreira dos Santos, 20\$; Palmira Augusta Mendes, 20\$; Maria Alice Dias Pereira, 20\$; Ernestina Sousa, 30\$; Cecília Saraiva, 30\$; Angelo Apóstolo, 25\$; António dos Santos Apóstolo, 50\$; Mário Lebre, 20\$; Henriqueta Martins Viseu, 50\$; José Pereira Tôres, 20\$; Fernanda da Silva Abreu, 30\$ — todos de Coimbra. Olga Maria Serra Cruz, 5\$ — Alverca da Beira. Maria Cândida Alves Lopes, 20\$; Frederico Machado Pereira, 40\$; Maria Isabel Seabra e Sá 30\$; M.º Rodrigues, 30\$ — todos da Foz do Douro. Margarida Nunes Almeida, 25\$; Raúl Oliveira Ruela, 20\$; — Oliveira de Azemeis. Luís Miranda, 25\$; — Rio Tinto. Benilde Costa, 25\$; Vila N. de Gaia. José Francisco Ramadina, 25\$; José Maria da Silva Pinto, 25\$; Felicidade Valente da Costa, 20\$; Maria Augusta Pinho Costa, 20\$; Alfredo dos Santos Godinho, 20\$; Sebastião da Costa Santos, 20\$ — todos de S. João da Madeira. Padre José Baptista Ferreira, 30\$; — Vigário de Angra.

Menina Maria Flávia de Monsaraz, Estoril, 30\$; Júlia Seabra de Castro, Anadia, 100\$; João Bragança, 50\$, Maria Oliveira Gomes, 50\$; Maria do Carmo Faria, 20\$; Antónia Faria Granjo, 20\$; todos de Chaves. Joaquim Dinis Simões, Tábua, 20\$; Padre Alfredo Martins Dias Alcains, 50\$; Analide Malta Azevedo, Matozinhos, 50\$; Joaquim Maria da Silva Maia, 200\$; Tomaz Gonçalves Ramos, 20\$; Agostinho Fernandes Fato, 20\$; José do Egito, 20\$; Francisco Fato, 50\$; Camilo Quadros, 50\$; Dr. Alfredo Ferreira, 50\$; Dr. José Nobre, 50\$; José Moreira, 50\$; todos de Matozinhos. António Feliciano de Sousa, Valadares, 100\$; António Amadeu da Costa Babo, Pedorido, 30\$; Maria Margarida Tavares, Espinho, 20\$; Sofia Maria Simões Regalão, Abrunheira, 50\$; José Morais Rodrigues Lima, Viana do Castelo, 25\$; Teresa Barroso, Baltar, 10\$; Padre Belmiro M. A. Matos, Rio de Moinhos, 30\$; António Moreira, Paço de Sousa, 20\$; Duarte Cipriano Ferreira, Bombarral, 20\$; Joaquim Giraldez Mouta, 20\$; José Gomes, 25\$; Horácio Faria Pimentel Vieira, 20\$; José Faria Pimentel Vieira, 15\$; Salvador Carvalho Santos, 20\$; Arcício Saens de Menezes Cardoso, 20\$; Manuel Ferrerra Costa, 40\$; Feliz António Mil-Homens, 20\$; Elvira Dias Jerónimo, 10\$; — todos do Bombarral. José Marques Gabriel, Baraçais, 20\$; Maria Rosina Bastos Beckert, Algés, 100\$; Dr. Gilbert Monteiro, Algés, 30\$; Dr. Manuel dos Santos Lousada, Mealhada, 20\$; José da Silva Cunha Araújo, Mesão Frio, 25\$; Gabriela Luciana e Seixas, Vale de Cambra, 50\$; Maria Luísa Raposo, Évora, 50\$; Henrique Cabral, Mogadouro, 40\$; José Albano Lopes, Monchique, 100\$; João Mendes Corveira, Seia, 20\$; Agostinho Lopes da Costa, 20\$ Américo Magalhães, 12\$; Manuel de Sousa Lopes, 24\$; — todos de Cucujães. Maria Amália Marques de Pádua, 20\$; Maria Doroteia Morais de Sousa, 20\$; Maria do Céu Marques Valença, 20\$; — todos de Braga.

### UM VISITANTE

Que esteve na Casa de Miranda, escreve assim:  
—Quando aqui cheguei, fiquei encantadíssimo com tudo o que observei: alguns pequenos, a tirar a grama dos campos semeados. Outros, junto do homem que agra-dava a terra; um, a guardar a vaquinha; outros, ainda, a apanhar erva para os coelhos, para as galinhas e para os porcos. Os cozinhei-

## DO QUE NÓS necessitamos

Mais no Pôrto, um tome lá esta amostra, (500\$) mas eu quero dar mais. Mais alguém que me chama de um primeiro andar e pede licença de oferecer 20\$

Mais duas alianças símbolo da união dos nossos falecidos Pais. Mais uma corrente que era pertença do meu querido e saudoso filho. Declaro à Mãe do Filho defunto, que temos recebido tudo quanto tem entregado ao Luciano ou deixado no Depósito.

Mais meia libra. Mais os costumes dos 50\$00 da Vacuum. Mais na Junta do Azeite, dentro da caixa do Padre Américo, 95\$00, isto em Lisboa. De Barrancos, roupas. Outra vez em Lisboa, a Maria Teller arregaçou as mangas, toma papel e lapis e vai pelos amigos pedir o pão dos Gaiatos: 250\$. Mais 200\$ do Pôrto, dos empregados de uma Casa Comercial. Também há caixas do Gaiato, na Invicta. Mais 20\$00 nas ruas do Pôrto, para que o dia corra bem.

Mais entregue na sucursal do Pôrto uma medalhinha de ouro. Mais de uma Alentejana objectos de ouro.



Na forma do costume, foram alguns de Paço-de-Sousa, que se juntaram aos do Pôrto, na venda. Dois que «fizeram» o Marquês, trouxeram um pacote de roupas. Muito obrigado. Alguns, trouxeram assinantes, esmolas, recados, acréscimos.

Houve uma estreia — o Inácio. Atirou-se de cabeça. Contou-me de como fôra no eléctrico, até à Foz; de como retilara com os condutores e da proveitosa venda. Outros estrearam-se com menos êxito. O António Joaquim, o «Despacho», o Constantino, um dos cozinheiros de Paço-de-Sousa, foi ao Pôrto de passeio e nas horas vagas também vendeu. Como é natural de Coimbra, topou gente de lá, que lhe deu carícias e prendas.

Na venda em Paredes, também se estreou o João Francisco.

—Tu és capaz?  
—Sou. Eu em Lisboa ajudava os rapazes a vender.

Foi. No regresso, pergunto ao companheiro:

—Que tal?  
—Tem lata. Pode ir vender ao Pôrto.

Pois irá. Aqui em casa, é refeiteiro e custodio das galinhas chocadeiras.

### A GAITA

ESTAVA no escritório a ouvir as importantes noticias do fim da guerra, quando o Fernando entra, com um recado também muito importante: — O Periquito pede se você lhe empresta a gaita para tocar à hora do recreio. Não se importa de interromper. Não se lhe dá das noticias de Guerras. E' portador da mensagem do Periquito. A gaita é que importa. O empenho está em ser só um instrumento, e muitos os tocadores.

Eu acho uma adorável irreverência, isto de entrar no meu gabinete sem pedir licença, para assuntos desta natureza. Outras semelhantes acontecem diariamente, nas nossas casas. Ora é justamente por eu ser testemunha e objecto de tais actos de indisciplina, que eu próprio me demiti do cargo de director, e tomei o de simpels assistente.

